

APRESENTAÇÃO

As expressões religiosas na América Latina, de forma distinta ao modelo idealizado de configuração social norte-europeu, caracterizam-se pela sua publicidade e, não raro, pela sua politização. Constituída por sucessivas ondas de penetração europeia ao novo mundo, as formas de vida coletiva e dominação compostas nas Américas, ao longo dos séculos, codificaram-se em termos religiosos. A configuração resultante da “modernização alternativa” característica das neossociedades de colonização ibero-mediterrânea levou a que novos grupos religiosos buscassem compor códigos simbólicos e estratégias de intervenção no mundo da política e nos espaços públicos, além de reestabelecer a semântica das peregrinações tradicionais. Ainda que não se trate de uma revista temática, *A religião como expressão pública e política* poderia ser o tema deste número de *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, condensando em textos com abordagens empíricas e teóricas distintas análises sobre este instigante tema contemporâneo.

No texto que abre o presente número, o sociólogo italiano Pino Lucà Trombetta analisa o discurso sustentado pela institucionalidade católica acerca da “indisponibilidade da vida”, mostrando como tal doutrina-chave para a recusa vaticana à legalização do aborto pode ser identificada como uma extensão da veterotestamentária “indisponibilidade do sêmen”. Cotejando alguns casos tornados notícia pela imprensa, Lucà Trombetta avalia o peso da visão institucional católica na sociedade italiana.

Passando ao tema da relação entre religião e assistência social, Nina Rosas, no segundo artigo desta edição, realiza um percurso bibliográfico dirigido à interpretação das ações sociais da Igreja Universal do Reino de Deus em Belo Horizonte, Brasil. Para além de um relevante levantamento da literatura especializada, a autora propõe que há uma continuidade entre a assistência social e a estrutura eclesial no caso estudado. Observando o entrelaçamento entre carreiras pastorais e filantropia, Nina Rosas ressalta a seletividade pouco universalista do modelo assistencial da Universal, que poderia ser resumido em sua finalidade como uma tentativa restituição da dignidade do sujeito assistido, com a premissa fundamental de que este sujeito adira à igreja por meio da conversão.

O artigo de Tatiane dos Santos Duarte, na sequência, traz uma etnografia sobre cultos evangélicos regulares no Congresso Nacional brasileiro. A autora analisa um dos cultos evangélicos levados a termo nas manhãs das

quartas-feiras em um dos plenários do Congresso, conduzido por deputados federais da chamada Bancada Evangélica. A constatação de Duarte é de que tal culto promove uma sobreposição de duas temporalidades (o da política e o da igreja), o que propicia um entrelaçamento discursivo que sacraliza a ação destes parlamentares dentro do congresso, numa perspectiva missionária de conversão da política ao religioso.

Em outra chave de investigação empírica, Isabel Corpas de Posada analisa a educação religiosa no contexto colombiano, dentro de uma perspectiva teológica que possibilita um efetivo diálogo com as Ciências Sociais. A autora recupera, em sua argumentação, um conjunto de textos sobre a colonização europeia, doutrinas cristãs católicas e a disposição constitucional colombiana, situando a relação entre religião e política em cada um destes diferentes textos e contextos. Depois de tal levantamento, Corpas de Posada situa a relação histórica e presente das religiões na sociedade colombiana. Quanto ao ensino religioso, discernem-se qualitativamente dois modelos: um, que recobre de tradição familiar a educação de forma unívoca (uma “pedagogia da fé”); e outro, que busca a integração de seu discurso a contextos plurais, como o presente na Colômbia em nossos dias.

Os dois últimos textos desta edição tratam de peregrinações cristãs enquadradas etnograficamente dentro de quadros societários complexos, fazendo recurso a imagens que evocam e aprofundam os temas tratados nos artigos. José Rogério Lopes e Admilson Renato da Silva põem em evidência os processos de modernização em curso no santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, no Rio Grande do Sul, Brasil. Após uma recuperação mítico-histórica das origens da devoção, os autores pontuam elementos que fazem pensar na superposição complexa de religiosidades oficiais e populares (com suas respectivas territorializações e linhas de fuga), no campo plural de agenciamentos do sagrado (mediado agora também pelo setor de empreendimentos e negócios) e na latente, porém vívida, relação entre identidade étnica entre os descendentes de italianos da região e o Santuário.

Etnicidade e religião, por sinal, é o tema do último artigo desta série, acerca da devoção à virgem de Urkupiña em San Carlos de Bariloche, província de Río Negro, a oeste da Argentina na divisa com o Chile. Ana Inés Barelli chama a atenção para a composição pluriétnica da população. A autora situa, nesse contexto, os bolivianos, colocados em situação de subalternidade dentro da sociedade local, e que encontram na devoção à virgem de Urkupiña um espaço de expressão de sua identidade. A autora chama especialmente a atenção para o papel das mulheres na composição

das festividades, em seu papel de protagonistas não somente no tocante ao seu aspecto prático, como também no espiritual, através do recebimento de mensagens da Virgem. Contudo, nos aspectos da exibição pública dos êxitos da festa, vem a primeiro plano o casal, quando não somente o homem. Portanto, a autora trabalha com níveis de subalternidade em diversos planos, chamando a atenção para a invisibilização das mulheres, análoga a dos bolivianos na sociedade mais ampla.

Daniel Alves